

III

Conclusão

A oposição entre a padronização decorrente do modo industrial vigente e a variedade (no caso das cores) própria da natureza

Para melhor se compreender a questão, vale refletir sobre alguns dados da história próxima que compreende o início da institucionalização da atividade do design no Brasil até hoje, recorte de tempo que também coincide com minha vivência profissional.

Desde meados da década de 60, fôrmica, acrílico, cerâmicas vitrificadas, vidros inquebráveis, blindados, resinas do petróleo, aglomerados cerâmicos de alta queima, entre outros, vêm sendo incorporados ao sistema industrial/comercial que alimenta as cidades, e se propaga até regiões que, embora detenham remanescentes de um saber regional e próprio, aos poucos sucumbem ao bombardeio das novidades.

Sabe-se hoje que as superfícies de cimento que cobrem as cidades e periferias são responsáveis por um aquecimento ímpar, e por catástrofes, mas os desejos de consumo apoiados pelo marketing industrial relacionam seu uso ao conceito de desenvolvimento, de tecnologia, de praticidade, de modernidade, de *status*.

Antes da fase de consciência ecológica e da emergente cultura de sustentabilidade do planeta, o mundo industrializado dirigia sua atenção ao petróleo, descobria novos aglomerados, reações químicas, etc., e alardeava qualidades funcionais das novas descobertas, muitas vezes sem considerar seus aspectos nocivos. Cimento amianto é um bom exemplo: após ampla utilização (em telhados, paredes, caixas d' água) tornou-se pública a informação de que o material liberava partículas cancerígenas. Até hoje, porém, é utilizado, principalmente em locais onde o *empowerment* do indivíduo é reduzido.

A consciência ecológica, em resposta à anunciada crise ambiental, traz à tona novos valores e novos materiais que, à medida que surgem, são assimilados pelo sistema mercadológico e, sob o argumento da razão ecológica, engrossam a já extensa lista dos objetos de consumo – mesmo sabendo-se que um dos vetores causadores do desequilíbrio do meio ambiente está nos hábitos descontrolados deste consumo.

Coroando essas contradições, sentimos, hoje, pelas superfícies que ocupam a paisagem ou, como prefere Milton Santos, o espaço, que a "lambança" prática do cimento e argamassas impermeáveis oferecidas pelo sistema conseguiu, p.ex., tapar as juntas de respiração das calçadas de pedras portuguesas da cidade, ou mesmo substituí-las por blocos de concreto impermeáveis, que também vêm impermeabilizando a terra batida das regiões ribeirinhas do interior e causando as catástrofes que se anunciam. Assistimos ao nascimento de ações e objetos que, apoiados em um certo conceito de "desenvolvimento", transformam assuntos, temas ou produtos em fontes de desejo, antes da verificação de sua real eficácia e adequação.

Em contrapartida ao excesso de cimento e à desumanização dos centros urbanos, emergiam na consciência dos indivíduos – que vivem e trabalham permanentemente nas grandes cidades, em ambientes onde o campo de visão restringe-se à tela do computador, à iluminação monocromática e às cores e texturas padronizadas das tintas e revestimentos de parede, chão e teto, sendo privilegiados aqueles com acesso à vistas de janelas – as aspirações de convívio junto à natureza, e com elas os sonhos de êxodo que podem ser considerados como respostas defensivas do organismo humano.

Essas respostas dizem respeito à questão do equilíbrio, como no caso do equilíbrio dos hábitos alimentares, p.ex., forte aliado da saúde, e mesmo transformações sociais podem ser explicadas como resultado de processos causa/efeito desencadeados, todas respondendo à impregnação excessiva de alguma situação.

Estabelecendo um paralelo, o fenômeno da visão denominado *afterimage* (*pós imagem* ou *imagem simultânea*) – fartamente demonstrado nos estudos sobre percepção da cor e ilusão de ótica – serve como um exemplo específico do processo causa/efeito, relacionado a este tema. Ocorre quando a visão, saturada durante algum tempo por uma determinada cor ou forma, em momento subsequente, ao ser direcionada a uma área neutra reflexiva, projeta a cor complementar e o positivo ou negativo da forma que a impregnara. Conforme Albers:

“Uma explicação plausível: uma teoria sustenta que os terminais nervosos da retina humana (os bastonetes e os cones) estão ajustados para receber qualquer das 3 cores primárias (vermelho, amarelo ou azul) que compõem todas as cores. Olhar fixamente para o vermelho cansará as partes sensíveis a essa cor, de modo que, em uma mudança súbita para o branco (que, repetindo, compõe-se de vermelho, amarelo e azul), ocorre apenas a mistura amarelo e azul, e o resultado dessa mistura é o verde, a cor complementar do vermelho.”

(*Interaction of Color*, p.30)

Com enfoque ampliado, a partir de um quadro típico de estimulação e resposta, pode se deduzir que a contemplação de cenários artificiais, homogêneos em oposição ao diverso e ao contínuo próprios da natureza, não corresponde à capacidade perceptiva da visão humana, incluindo o cérebro e conexões.

"Imagens coloridas..." no lugar de "Cores..." "...de superfícies de terra crua" tenta traduzir o diverso e o contínuo que ocorrem na percepção das formas da natureza e sob a argumentação de que a reduzida estimulação provocada pelas cores homogêneas e planas que circundam nossa visão nos ambientes restritos dos centros urbanos pode ser um fator de desequilíbrio, tenta demonstrar, através de uma decupagem focada em uma matéria específica e fundamental do habitat humano, a diversidade de estímulos que as formas e coloridos naturais são capazes de provocar em contrapartida às cores artificiais, padronizadas, industrializadas.

/ Algumas conclusões e prospecções

O fato de este estudo ter sido realizado no cenário funcionalista do LILD, sob o rigor camuflado pelas teias de aranha empoeiradas e pelo aspecto aparentemente *trash* próprio da linguagem que o "escultor" utiliza para expressar a forma e sua construção (desenhos em papel amassado de embrulhar pão, colagens e marcações com giz, riscos e rabiscos gravados nos materiais), confere a este trabalho, acho eu, uma função de certa maneira essencial.

A iniciativa de se documentar, classificar e tornar acessíveis os vestígios das pesquisas – em geral feitas sobre dispositivos de instalação provisória –, com pretendido rigor; de demonstrar potencialidades plásticas e reafirmar a diversidade da natureza, também com pretendido rigor, por meio de linguagem prioritariamente visual, com objetivo pedagógico e de valorização, é uma das contribuições que este trabalho pretende legar.

O tempo, certamente, será valioso às conclusões que deverão derivar principalmente das aplicações e desdobramentos em outros estudos, reafirmando a importância da documentação e acessibilidade ao conhecimento e informações sobre as pesquisas.

Classificar e medir a resistência da pigmentação de terras às luzes natural e artificial com vistas à sua utilização como carga e corante de tintas produzidas com técnicas não industriais pode ser, por exemplo, um possível desdobramento.

Um outro, interdisciplinar com a Pedologia, consiste em se produzir uma coleção de amostras de terra representativa de todo o território nacional, constituindo um acervo de terras guardadas e documentadas fotograficamente passíveis de serem expostas e disponibilizadas como complementos da informação alfa numérica da notação Munsell que, na Pedologia, define a sensação da cor.

Indiretamente, nos dias que correm, afirmar a diversidade da natureza ou proclamar a terra, como no poema de Fernando Mendes Vianna, nunca é demais.

E, tecendo considerações sobre a afirmação do filósofo Vilém Flusser quanto à não transportabilidade das imagens ou superfícies das paredes das cavernas de Lascaux, penso que, no tempo que corre desde essa afirmação, as tecnologias de reprodução e os sensores vêm se desenvolvendo e já começam a dar conta da transmissão de sensações não só imagéticas, e talvez o próprio conceito de transporte deva ser modificado.